

## AS MÚLTIPLAS FACETAS DO PODER NAS RELAÇÕES CONJUGAIS

### THE MULTIPLE FACETS OF POWER IN MARITAL RELATIONSHIPS

Georges Daniel Janja Bloc Boris  
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Brasil

Resenha de Fernandes, Álvaro Rebouças (2010). *O poder nas relações conjugais: uma investigação fenomenológica sobre as relações de poder no casamento*. São Paulo: Editora Annablume.

Nesta obra, produto de sua dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza, Álvaro Rebouças Fernandes adota uma perspectiva múltipla, contextualizando os três enfoques de sua pesquisa, fundamentada nas concepções de *poder* de Marx, de Weber e, principalmente, de Foucault. A partir de Marx, considera o poder como uma construção social, econômica e política, que interfere nas microrrelações cotidianas do casal; a partir de Weber, discute as vivências subjetivas de homens e mulheres como construção sociocultural engendrada pelas várias formas de poder; e, baseado em Foucault, analisa o casamento e a família como lugares privilegiados de interação e de construção de relacionamentos, nos quais o poder perpassa os discursos e as ações, cotidianamente, como acontecimentos político-estratégicos das interações dos casais. Assim, no primeiro capítulo, discute as relações entre poder, gênero e casamento. Caracteriza os diversos tipos de poder, diferenciando o *poder-sobre* e o *poder-de*, bem como autoridade e coerção, e discutindo as relações de poder, a dominação masculina e os poderes individual, disciplinar e econômico. No segundo capítulo, caracteriza os participantes dos jogos de poder no casamento ao longo da história: pré-história; idades antiga, média e moderna; e contemporaneidade. No terceiro capítulo, analisa o casamento e a família ocidentais no contexto institucional das negociações de poder. Então, discute o casamento como ato religioso, jurídico e sociocultural, considerando-o, também, como uma negociação político-econômica. Da mesma forma, analisa os sistemas familiares, a comunicação sistêmica e seus acordos e regras no casamento. Consequentemente, trata da difícil definição atual do grupo familiar, dada a sua diversidade de manifestações, abordando suas funções sociais, regras, mitos e papéis socioculturais. Nesse sentido, considera e discute a família como uma instituição jurídica, religiosa e sociocultural.

O valor da pesquisa de Álvaro Rebouças Fernandes se confirma na medida em que descreve a aplicação

do método fenomenológico a uma investigação das relações de poder no casamento, campo pouco explorado pelos adeptos de tal método, o que lhe permitiu colher, descrever e discutir as vivências de seis casais acerca das negociações em áreas importantes de sua interação conjugal, como o seu relacionamento afetivo-sexual, a paternidade, a maternidade e a administração financeira do lar. As entrevistas revelaram que os cônjuges desenvolvem diversificadas estratégias de poder em suas negociações, que constituem jogos políticos de avanços e recuos, nos quais são firmados acordos, alianças, projetos, coalizões e conflitos, cotidianamente vividos em suas várias áreas de interação. Nesse sentido, os participantes da pesquisa demonstraram que as relações de poder são vividas em perspectivas diferenciadas, pois são percebidas e exercidas a partir de construções distintas, conforme o gênero e a subjetividade de cada cônjuge. Embora tenha utilizado uma pequena amostra (seis casais), pois, conforme Creswell, o método fenomenológico busca descrever o significado das *experiências vividas* por vários indivíduos acerca de um conceito ou *fenômeno*, os valiosos depoimentos dos entrevistados sobre suas interações cotidianas foram suficientes para revelar quatro tipologias nativas (relacionamento afetivo; relacionamento sexual; paternidade e maternidade; e administração financeira) e dezoito tipologias analíticas (o encontro e a união conjugal; o entrosamento; complementaridade; negociações afetivas; gravidez e relações sexuais; mudanças; rotina; união e reciprocidade; gravidez, paternidade e maternidade; controlando os filhos; desejo de ser pai; presença paterna e materna; paternidade e maternidade após o divórcio; apego aos filhos; provisão da família; pagamento de contas; planejamento financeiro e projetos futuros; cooperação financeira). A pesquisa descobriu que as negociações entre eles começam ainda no namoro e se intensificam ao longo do casamento, em decorrência do conhecimento mútuo adquirido em sua interação conjugal, construída durante o desenvolvimento do ciclo vital da família.

Álvaro Rebouças Fernandes adota uma perspectiva que considera tanto as manifestações da subjetividade masculina quanto da subjetividade feminina como expressões dos diversos papéis conjugais de homens e mulheres, buscando compreender como se

revela a multiplicidade de suas vivências. Para tanto, assumiu uma perspectiva teórica ampla, mas, prioritariamente, baseada na concepção de *poder* de Foucault, ou seja, como ocorrência política, mutável e dinâmica, que é efetivada nas relações socioculturais, familiares e de gênero por meio de diversas negociações conjugais, sem, no entanto, se concentrar num aspecto exclusivo. As negociações referentes aos relacionamentos afetivo-sexuais dos casais demonstram que as expressões da individualidade e os modos como os cônjuges conduzem seus relacionamentos são baseados não apenas no conhecimento de si mesmos e do outro, mas, também, dos limites de ambos. As ações empregadas são compreendidas como estratégias utilizadas no jogo relacional do casal, no qual os conflitos e os acordos se tornam expressões das negociações específicas de cada vinculação matrimonial.

Ao mesmo tempo em que as negociações revelam a ocorrência de um jogo de poder desenvolvido pelos cônjuges no casamento, também denunciam as particularidades que marcam cada união e cada pessoa, com sua própria subjetividade, diferenciada pelas características do gênero a que pertence. Nesse sentido, as negociações, concebidas como “encaixes” entre os cônjuges, são realizadas a partir de acordos que visam ao entendimento da perspectiva do outro, à coesão conjugal ou aos conflitos que definem o embate de forças levado a efeito por marido e mulher no casamento, proporcionando o reconhecimento das diferenças inerentes a cada cônjuge e a complementaridade recíproca necessária à efetivação da aliança afetivo-sexual como política de relacionamento. A negociação nos relacionamentos afetivo-sexuais se baseia, também, em valores preconcebidos provenientes da cultura da família de origem de cada cônjuge, que definem, de acordo com Andolfi et al., papéis, missões e delegações nas famílias constituídas. Tais influências tornam as negociações uma busca incessante de ajustes, nos quais marido e mulher, constantemente, aceitam ou recusam as propostas do outro, e tornam, portanto, a transação um recurso adequado ao exercício do seu poder no casamento. Assim, as microrrelações de poder se desenvolvem como jogos políticos de ajustamento às diferenças da subjetividade pessoal, do gênero e da família de origem de cada cônjuge. Por meio de tais jogos, são utilizadas diversas estratégias que geram, segundo Ângelo, acordos e conflitos, a continuidade da relação ou o seu rompimento devido à satisfação ou ao descontentamento de um ou ambos os cônjuges com o vínculo afetivo-sexual.

Assim como a afetividade, o sexo é um foco das intensas negociações de poder que permeiam a convivência matrimonial, envolvendo mudanças físicas e psicológicas que ocorrem no desenvolvimento do

casal e nas várias etapas do ciclo vital da família. Tais mudanças acontecem devido ao nascimento dos filhos, à rotina empreendida pelas atividades profissionais, familiares e conjugais do casal, e, principalmente, aos seus conflitos e divergências, que podem gerar intimidade, conhecimento mútuo de seus limites, complementaridades e pontos de cumplicidade, ou, em contrapartida, rejeição, retaliação e agressão, revelando a ocorrência de acordos e desacordos que possibilitam o enlace afetivo-sexual e fundamentam a aliança conjugal, ou o seu rompimento, ao caracterizar a insatisfação com a parceria. Dessa forma, devido à grande diversidade de estratégias empregadas no jogo político de negociações nos seus relacionamentos, os casais reveem, constantemente, sua aliança conjugal a fim de estabelecer acordos que forneçam segurança, prazer, intimidade e reciprocidade a cada cônjuge, revelando uma busca de equilíbrio dos seus anseios, fantasias, e desejos. Por conseguinte, Álvaro Rebouças Fernandes concebe que o relacionamento afetivo-sexual no casamento é construído por meio de trocas constantes, que exigem frequentes realinhamentos e ajustamentos à realidade individual e conjugal dos envolvidos, pois as distintas subjetividades masculina e feminina podem transformar as vivências tanto em fonte de prazer e de confirmação de suas individualidades quanto em dominação pessoal de um dos cônjuges, o que pode produzir sofrimento, desgaste e insatisfação, que minam, progressivamente, a união matrimonial. Portanto, o relacionamento sexual dos casais se torna canal de comunicação e de avaliação da qualidade da interação e da possível satisfação dos cônjuges com seu casamento.

A paternidade e a maternidade são importantes funções nas negociações de poder durante o desenvolvimento do vínculo conjugal, no que se refere à gravidez, ao controle dos filhos, ao desejo dos cônjuges de se tornarem pais e mães, às presenças paterna e materna, ao divórcio e ao apego aos filhos. Tais papéis parentais suscitam, em alguns casos, segundo Moreno, a supervalorização das atribuições familiares em detrimento das conjugais. Por conseguinte, as vivências dos papéis parentais envolvem o desenvolvimento das relações com os filhos, que, também, são estabelecidas por meio de estratégias, como o cuidado e a atenção, o que permite à prole ter suas atitudes aprovadas ou não pelos pais, que ensinam aos filhos as regras familiares e socioculturais, além de manterem o controle sobre suas atividades e seus horários, bem como os estimulando a reproduzir os modelos parentais de masculinidade e de feminilidade em seus futuros papéis conjugais e familiares. O jogo de poder entre os casais torna evidente que o desejo de assumir os papéis de pai e de mãe requer a escolha e a aceitação de tal condição,

gerando uma possível vivência satisfatória dos papéis parentais e uma consequente afirmação da aliança conjugal. Entretanto, por outro lado, pode gerar rejeição e ressentimento por conta da inesperada gravidez, o que leva o casal a renegociar seu acordo matrimonial e suas prioridades individuais e familiares a fim de rever suas metas e expectativas sobre o casamento, podendo, assim, passar a outra etapa do ciclo de vida da família. Nesse sentido, a presença dos pais é de fundamental importância na relação com os filhos, que podem perceber nos genitores modelos valiosos para a construção e a compreensão de sua própria subjetividade masculina ou feminina. Contudo, a necessidade de prover a família com os recursos necessários à sua subsistência torna difícil a presença paterna e, em alguns casos, a materna, pois os pais, preocupados com suas carreiras profissionais e com a manutenção da família, investem, algumas vezes intensamente, na conquista dos recursos externos, tornando-se ausentes da relação com seus filhos. Mas o jogo político e diplomático paternal com os filhos fica mais intenso e complexo quando se trata de filhos resultantes da separação de uma família anterior. Nesse caso, as negociações entre os antigos cônjuges e seus filhos podem progredir para a integração e a aproximação das famílias ampliadas ou constituir conflitos territoriais, prolongando por anos os embates pelo poder entre a antiga família e a atual. Nesse contexto, os pais, mas principalmente as mães, buscam manter a coesão familiar por meio da simbiose com os filhos, utilizando o apego como estratégia de contenção e de proteção deles contra o receio de desagregação familiar e da perda da condição de pais. Assim, a relação de poder empreendida pelos casais entrevistados, como afirmam Carter e McGoldrick, sofre uma série de mudanças que deve ser minuciosamente negociada por eles durante o ciclo vital da família e na vivência da paternidade e da maternidade.

A administração financeira dos recursos dos casais pesquisados indica que o jogo de poder, prioritariamente, se materializa na provisão e na administração da economia familiar, pois promove, segundo Astrachan, a divisão das tarefas domésticas e das responsabilidades financeiras do casal conforme o gênero, produzindo muitos benefícios para os cônjuges, como a participação no sustento da família, que assume um sentido de utilidade conferido pelo envolvimento nas decisões financeiras, na satisfação das necessidades individuais dos cônjuges e da família, além da cooperação, que favorece a política relacional dos casais como estratégias de valorização pessoal e familiar. Para Álvaro Rebouças Fernandes, as parcerias financeiras no casamento ocorrem mais equilibradamente nas uniões em que os cônjuges

assumem, cada um, suas próprias carreiras profissionais e suas respectivas fontes de renda, pois, em tais casos, têm meios de negociar mais igualmente a distribuição dos recursos financeiros da família. Porém, nas famílias que adotam papéis tradicionais, marcadamente influenciados pela ideologia patriarcal, a distribuição das tarefas domésticas e das responsabilidades financeiras confere ao homem, como bem destacam Pateman e Saffioti, a maioria das decisões sobre a economia da família, restando à mulher as incumbências ligadas à administração dos recursos financeiros e à criação dos filhos. Tal distribuição assimétrica predispõe à supervalorização das atividades profissionais, culturalmente consideradas masculinas, bem como a desvalorização das tarefas domésticas, geralmente atribuídas às mulheres. Nesse sentido, a cooperação financeira funciona como meio de equilíbrio do poder no casamento, favorecendo, a partir de seu exercício, segundo Foucault, o controle apenas relativo e temporário das relações familiares, o que, por conseguinte, impede a aglutinação do poder em um único cônjuge. Desse modo, são geradas dependência e impotência quando a relação é assimétrica, baseada nas funções familiares patriarcais, na qual os recursos financeiros são conquistados apenas por um dos parceiros, mas, por outro lado, de independência e de poder quando a família conta com duas fontes de rendimento, provenientes de ambas as carreiras profissionais dos cônjuges, tornando viável a aliança conjugal, a escuta do outro e o compartilhamento das distintas formas de compreensão da subjetividade de homens e de mulheres no casamento.

Portanto, Álvaro Rebouças Fernandes conclui que, nas dinâmicas conjugais dos entrevistados, maridos e mulheres significam e exercem seu poder de formas diversas e distintas, marcadamente influenciadas pela cultura, pelo gênero e por papéis ainda impostos pelo sistema patriarcal, embora mesclados com novas concepções de igualdade, geradas pelas recentes mudanças ocorridas nas relações entre os gêneros. Assim, constata que o poder é exercido nas relações conjugais a partir dos discursos, das atitudes e das escolhas dos casais, invadindo os muitos aspectos das suas interações e assumindo múltiplas facetas, não somente de dominação e de conflito com o outro, mas, também, de consenso, de cumplicidade, de afinidade, de reciprocidade e de cooperação. Por meio de suas negociações afetivo-sexuais, financeiras e parentais, homens e mulheres, no casamento, vêm tentando equilibrar, em suas relações cotidianas de poder, os laços que vêm construindo na sua vida a dois.

Instigante e criteriosa, a obra de Álvaro Rebouças Fernandes não se propõe a esgotar a discussão de uma instituição tão complexa e cada vez mais mutável como

a família no mundo contemporâneo. Neste sentido, recomendo a obra, pois vem acrescentar a todos aqueles que se interessam pelas implicações do exercício do *poder* nas relações conjugais.

Recebido em: 09/02/2011

revisão em: 02/10/2011

Aceite em: 02/05/2012

*Georges Daniel Janja Bloc Boris* é Psicólogo, Mestre em educação e Doutor em Sociologia pela Universidade

Federal do Ceará (UFC). Professor titular vinculado aos Programas de Pós-Graduação e de Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza. Endereço: Avenida Washington Soares, 1321. Edson Queiroz. Fortaleza/CE, Brasil. CEP 60811-341. Email: geoboris@unifor.br

**Como citar:**

Boris, G. D. J. B. (2012). As múltiplas facetas do poder nas relações conjugais. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 487-490.